

CRÔNICA DE NOTÍCIA E CRÔNICA DO COTIDIANO: DUAS MODALIDADES DE UM GÊNERO

Milton Gabriel Junior¹

Doutorando do Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

Este artigo tem por objeto verificar a organização textual das crônicas publicadas em jornais paulistanos, a fim de contribuir com os estudos sobre os textos denominados crônicas e colunas publicados em espaço reservado nos jornais paulistanos, uma vez que esses textos são inseridos e utilizados nos manuais didáticos. Contudo, não há distinção clara quanto a sua organização textual nem sua genericidade, que acarreta diversas interpretações no tocante a sua tipologia e sua conceituação dificultando sua interpretação, compreensão e produção. As análises estão fundamentadas na Linguística Textual e na Análise Crítica do Discurso com vertente sócio-cognitiva. Este estudo procurou identificar as características recorrentes dos conceitos postulados sobre a “crônica” e, a partir deles, descrever o esquema textual da crônica por categorias textuais, bem como suas regras de ordenação e buscar a compreensão das estratégias na construção textual da opinião. Os resultados apontam para uma renovação na maneira de se produzir crônicas na contemporaneidade, indicando haver dois tipos de crônicas, a saber: crônica do cotidiano e crônica de notícia, ambas da classe de texto argumentativo-opinativo.

Palavras-chave: Linguística Textual. Análise Crítica do Discurso. Crônica jornalística. Crônicas de notícias e crônicas do cotidiano.

INTRODUÇÃO

A caracterização da crônica brasileira encontra uma grande variabilidade de posicionamentos nos diversos campos de estudo por terem-na situado sob diferentes prismas como o semântico, o linguístico, o do gênero, o literário e até o da cronologia não havendo uma definição quanto a sua tipologia, genericidade tão pouco quanto a sua organização textual. Assim, qualquer texto opinativo publicado em um espaço reservado nos jornais é denominado e considerado crônica.

¹ miltongjunior@gmail.com

Professor-pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Ensino Português Língua Estrangeira (NUPPLE), ligado ao IP-PUC/SP (Instituto de Pesquisas Linguísticas "Sedes Sapientiae" para Estudos do Português da PUC/SP). Professor de Português Brasileiro: Língua e Cultura pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE/PUC-SP.
Professor do Centro Universitário FMU e da Universidade Paulista.

A palavra *crono* encontra-se em nossa língua como radicais de muitos termos etimologicamente e ligam-se ao sentido original da palavra grega *chronos*, a qual significa “tempo” e deu origem ao vocábulo *crônica*. No Dicionário etimológico, de Antenor Nascentes, a palavra *crônica* é dada como originária do grego *chronikós* (relativo ao tempo), recebida pelo latim *chronicus*. No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque Holanda Ferreira (1986), temos o seguinte significado para:

crônica [Do lat. *chronica*.] S.f. 1. Narração histórica ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica. 2. Genealogia de família nobre. 3. Pequeno conto de enredo indeterminado. 4. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como tema fatos ou ideias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc, ou simplesmente relativos à vida cotidiana [...]

O termo *crônica* é oriundo das variantes *chronica*, *cronicão* e *cronicon*, dos reinos medievais, os quais buscavam certificar os acontecimentos contemporâneos e descrever as linhagens familiares, assim podemos afirmar que a *crônica* possui raízes na Historiografia, todavia com o passar dos anos sofreu tipificações, principalmente na Península Ibérica, em relação ao restante da Europa. Na França, local de sua origem, ela ficou limitada a narrativas pessoais do tipo memorialista, enquanto na Península aparecem em compilações diferentes tais como: narrativas memorialistas, narrativas históricas dos reinos de Espanha e Portugal, como: *A crônica Geral de Espana*, que trata de um amplo relato da História Nacional relatando e retratando a vida em sociedade da sua época.

Com o Renascimento grandes transformações institucionais, sociais e culturais sacudiram a Europa, o que levaram ao avanço do comércio, ao desenvolvimento das cidades, o grande êxodo rural, o crescimento do comércio, o livre intercâmbio de ideias e a disseminação do conhecimento. Dessa forma, livros, cartas e panfletos passaram a fazer parte do dia a dia das pessoas.

A partir do século XVII, surgiram os jornais semanários na Europa, principalmente na França e Alemanha. Os boletins informativos se tornaram uma necessidade para as novas classes sociais que se consolidavam pelo comércio e a produção de bens, uma vez que as cidades cresciam muito rápido devido a expansão comercial, este fato acarretou novas necessidades à sociedade contemporânea, dentre elas a necessidade de informes notícias sobre o mercado, as colheitas, os navios partindo ou aportando, os preços e produtos trazidos das colônias africanas/orientais. Além do crescente desenvolvimento urbano, conseqüentemente, a crescente busca pelo conhecimento por diferentes camadas da sociedade, esses fatores fizeram

com que surgissem inúmeras instituições de ensino, logo se tornou necessário o aumento de livros, semanários etc.; devido ao aumento de mercador (leitores), urgiu a necessidade de novos meios de informação, o que propiciou o aparecimento de publicações periódicas abordando assuntos mais locais e específicos da cidade, além também de abrir espaço para assuntos mais frívolos os quais buscavam o divertimento dos leitores.

A CRÔNICA EM PORTUGAL

A Europa, por volta do século XIII, encontrava-se em um longo período de paz, de valorização do comércio, levando a uma nova estrutura no que concerne às relações de trabalho, tais fatores possibilitaram o acúmulo de riqueza e bens, além de estimular, valorizar o conhecimento. Assim, a busca pelo saber passou a ser objetivo não só da nobreza, mas também, da burguesia, impulsionando o surgimento das escolas e universidades por toda a Europa. Segundo Thompson (2011, p. 82),

[...] Depois da queda do Império romano, a Igreja continuou a garantir uma estrutura normativa não muito rígida por toda a Europa e estabeleceu um sistema de escolas monásticas que se especializaram no ensino da leitura e da escrita [...] (THOMPSON, 2011, p. 82)

Dessa forma, em um primeiro momento da Idade Média, as elites religiosas auxiliaram as elites políticas a estabelecerem seus domínios; todavia, com o fortalecimento do poder político e as mudanças nas relações de trabalho pelo advento da expansão comercial e marítima, levou a uma nova divisão social, dessa maneira o poder religioso passou a ser alijado pelos nobres e burgueses, com o passar dos anos homens da sociedade não ligados à Igreja assumiram postos oficiais, como da Chancelaria real, o de Guardiã-Mor das escrituras da Torre do Tombo etc. passando a registrar, escrever e opinar sobre o modo de vida do reino, nascendo assim a crônica portuguesa.

Cronistas como Fernão Lopes, Eanes de Zurara, Ruy de Pina, entre outros, buscaram desenvolver um trabalho de compilação de situações; de temas relacionados principalmente ao paço real; aos caminhos e descaminhos da expansão ultramarina a partir do século XIV. Como guardião das escrituras, coube Fernão Lopez transcrever, resumir e interpretar correspondências diplomáticas, disposições legais e demais documentos relacionados à governança do país, embora sua obra também seja resultado da compilação de textos de História, ele propicia uma inovação decorrente ao seu trabalho: pesquisar e investigar pessoalmente na falta de documentação, ou seja, no momento que havia uma lacuna nos

registros dos acontecimentos, ele buscava informações e documentações junto aos cartórios das igrejas e até mesmo nas lápides das sepulturas, dessa maneira ele poderia incluir suas convicções, opiniões sobre os fatos analisados por ele.

Os trabalhos de pesquisa de Fernão Lopes possibilitaram-no fazer uma revisão sistemática de todos os relatos sobre a coroa portuguesa de forma a apontar as contradições, as inverossimilhanças existentes nesses relatos, o que o possibilitou no momento em que lhe faltavam documentos comprobatórios decidir por aquilo que julgava mais provável.

Dessa forma, Fernão Lopez inaugura para a crônica portuguesa o hábito de apoiar-se em documentos e acontecimentos autênticos, fazendo deles uma análise crítica e iniciando um distanciamento da Historiografia, já que a história se molda, se relata pela junção de fragmentos de vida e de hábitos da sociedade sem qualquer julgamento, construindo uma visão de conjunto, enquanto a crônica se estabelece como a interpretação crítica dos hábitos desse conjunto.

A CRÔNICA NO BRASIL

A história da crônica no Brasil se confunde com a própria trajetória do jornalismo nacional, ela está vinculada ao entretenimento, de um modo geral, e consolidou-se no país em meados do século XIX; desde então, tornou-se um gênero obrigatório para os jornais brasileiros. No Brasil, a crônica adquiriu tipicidade e tornou-se representativa de uma identidade cultural do nosso povo.

A crônica nacional, no seu sentido mais moderno, é o espaço plural, livre que abriga uma série de textos voltados ao entretenimento e se associa a escritos sobre os mais variados assuntos, da política ao teatro, dos eventos sociais aos esportivos, dos acontecimentos do dia a dia ao universo íntimo de cada autor. A miscelânea temática se explica pelo estudo histórico, uma vez que frequentemente diversos textos foram publicados no espaço destinado às variedades, o que possibilitou que diferentes autores se aventurassem e exercitassem esse gênero; por outro lado, essa diversificação de autores pode ser apontada como fator preponderante para a falta de uma melhor definição, de uma compreensão e valorização do gênero ao longo de sua história.

Ao relatar a gênese da crônica no Brasil, Coutinho (1997) explica que o termo, no século XIX, deixou de se referir exclusivamente a um relato cronológico de acontecimentos para denominar “um gênero literário em prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral

efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas”.

Melo (1994) já observou que há claras diferenças entre o uso do termo crônica no Brasil, quando comparado a outros países, o que faz com que, aqui, a palavra adquira significado e forma singulares. Classificando-a como “relato poético do real”, atribui a este texto duas características: fidelidade e crítica social. Para o autor, trata-se de um gênero jornalístico que se enquadra no chamado jornalismo opinativo.

Produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão. (MELO, 1994, p. 136)

Com o passar dos anos, a crônica saiu do jornal e passou a ser publicada em livros, bem como passou a ser considerada como um gênero literário por se caracterizar pelo uso de linguagem mais leve e com uma elaboração interna complexa, carregando a força da poesia e do humor. Ela se consolida como gênero literário por volta de 1930, excelentes escritores resolveram se dedicar exclusivamente a ela, como Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo, além de grandes autores brasileiros, como Machado de Assis, José de Alencar e Carlos Drummond de Andrade escreveram crônicas em algum momento de suas carreiras. Todos esses acontecimentos levaram a crônica a se desenvolver no Brasil de forma extremamente significativa.

A crônica brasileira é caracterizada por ser uma fusão de dois tipos de textos: o ensaio do qual retoma um certo desprezo pelo rigor acadêmico, levando a um tratamento mais informal dos assuntos abordados e do folhetim de onde absorve a dimensão Usual e Inusitado do fato noticioso do dia a dia, ou seja, procura tratar de acontecimentos esperados do cotidiano ou inesperados da notícia veiculada. A crônica é fruto do jornal, espaço em que aparece entre as notícias, caracteriza-se por estar perto do dia a dia das pessoas, seja em temas cotidianos ou em temas mais pontuais e procura ser um instante de pausa para o leitor fatigado com a frieza na busca da objetividade jornalística.

Encontram-se diversos estudos sobre a crônica seja no viés literário, linguístico, jornalístico, no entanto pouco ou nenhuma análise sobre a organização textual e sobre a categorização do gênero se faz satisfatória até o presente; em uma busca sobre a caracterização da crônica, não encontramos definições fixas, e sim, diversas respostas vagas,

o que nos possibilita afirmar não ser possível delimitar com exatidão sobre a crônica ser um texto jornalístico ou um texto literário, onde se inicia um e onde termina o outro.

Na obra *Crônica: história, teoria e prática*, de Laurito e Bender (1993), as autoras demonstram que os textos não catalogáveis de forma nítida, saídos primeiramente em revista ou jornal de curto fôlego, em linguagem coloquial, sem pretensões, próximos ao leitor, falando de assuntos de seu interesse são classificados na categoria de crônica.

A diversidade nos pontos de vista propicia-nos a compreender como a questão da crônica é complexa, vamos tomar por base o ponto de vista comunicacional, juntamente com o textual e o discursivo considerando a crônica um gênero textual-discursivo, procurou-se verificar a organização textual das crônicas publicadas em jornal, como forma de demonstrar a sua tipificação ocorrida através dos anos e que os textos denominados colunas possuem a mesma organização textual dos textos denominados crônicas e ambos tratam de temas do cotidiano ou pontual (como uma notícia), ou seja, ambos os textos pertencem ao gênero crônica.

AS MUDANÇAS PARADIGMÁTICAS NA LINGUÍSTICA

Na década de 60, mais especificamente, na segunda metade até meados da década de 70, os estudos de língua passaram por três momentos: *análise transfrásticas* – focalizando a argumentatividade; *gramática do texto* – tratando da competência textual e a *Teoria do texto* – tratando de aspectos comunicacionais e da competência linguística. Nestes acontecimentos em que diferentes vertentes postulavam novos paradigmas linguísticos foi inserida a semântica e posteriormente a pragmática, o que possibilitou a apresentação da noção de competência.

A teoria linguística de Van Dijk se insere em uma proposta de gramática de texto com aspectos comunicativos, tendo como ponto principal analisar as regras para a boa formação do texto, obtendo/distinguindo os macro atos de fala. Os macro atos estão relacionados à intenção que rege o texto, constituídos por micro atos que se referem a modelos hierárquicos. Para estudar os fenômenos na relação entre os atos de fala e os macro atos de fala, a gramática de texto e a pragmática pressupõem uma descrição gramatical tanto das sequências de frases como das propriedades do discurso como um todo.

Dessa forma, a gramática de texto forneceu base linguística para a elaboração de modelos cognitivos no desenvolvimento, na produção e compreensão da linguagem. Os

estudiosos como Van Dijk, Petöfi, Weinrich e outros incluíram aos estudos o componente semântico, para se compreender e obter as macroestruturas profundas.

As perspectivas semânticas do texto e do discurso propiciaram estudos como Dressler (1970, 1972), Brinkler (1973), Rieser (1973, 1978) e Viehweger (1976, 1977) que seguiram uma orientação semântica privilegiando cadeias isotópicas e as relações semânticas do texto enunciadas no texto e não ligados por conectores.

Isenberg (1970) definiu o texto como uma sequência coerente de enunciados, todavia a noção de coerência permaneceu sintático-semântico. Não tardou, porém, que os linguistas de texto se apercebessem que em algumas questões deveriam ir além da abordagem sintático-semântica, já que observavam que o texto é a unidade básica da comunicação/interação humana, adotando a perspectiva pragmática, a qual vinha ganhando proeminência nas pesquisas sobre o texto.

A Linguística não mais pesquisa a língua como um sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento dentro dos processos comunicativos na sociedade, o que levou a ser desenvolvido um modelo de base, o qual compreendia a língua como uma forma específica de comunicação social; atividade verbal humana interconectada com outras atividades não linguísticas. Assim, para compreender o ser humano, postulou-se a trans-disciplinaridade.

Van Dijk em sua obra *Studies in the Pragmatics of Discourse* (1981), como os trabalhos posteriores, estudou o que denomina ‘relações funcionais do discurso’, ou seja, as relações entre os enunciados que, geralmente, se têm denominado pragmáticas ou discursivo-argumentativas. O autor postula que juntamente com a macroestrutura semântica, responsável pela coerência semântica, do texto há uma macroestrutura pragmática, responsável pela coerência pragmática. Para ele, a compreensão textual obedece a regras de interpretação pragmática, ou seja, a coerência não se estabelece sem levar em conta a interação, as crenças, os desejos, preferências, normas e valores dos interlocutores.

Dessa forma, o texto passou a ser considerado o resultado de processos mentais, onde os parceiros da comunicação possuem saberes armazenados, sobre os diversos tipos de atividades da vida social, estes saberes estão armazenados na memória do indivíduo, pois, os saberes se constituem como um conjunto de conhecimentos vivenciados e experienciados pelo indivíduo em sociedade, alguns conhecimentos são individuais ou particulares porque são resultados das experiências do dia a dia, enquanto outro conjunto de saberes são compartilhados pelo grupo social que se insere, estes conhecimentos, únicos ou partilhados, são responsáveis pela produção e interpretação do texto/discurso.

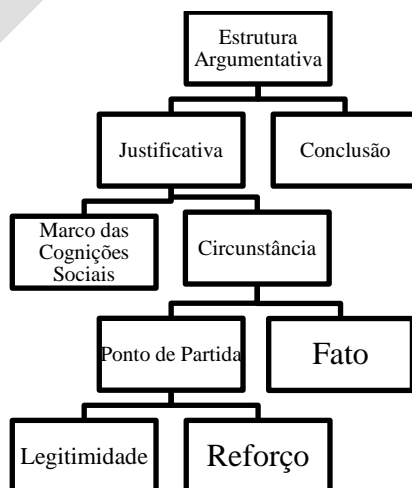
Van Dijk e Kintsch (1983), em seus estudos sobre as macroestruturas, diferenciaram as noções de micro, macro e superestrutura textual. A microestrutura textual é a sua base de texto e tem natureza semântica, construída com um n-tuplo de proposições, pois, cada leitor ou processador da informação em cada leitura produz um número diferente de inferências e explicitações de implícitos, que são os sentidos secundários. A recursividade de expansão/redução da informação faz com que o processador do texto durante a sua leitura, transforme as varias microproposições em sentido mais global, designada macroproposição. O conjunto das macroproposições constrói a macroestrutura semântica do texto.

Os estudos afirmaram que os textos institucionais são formalizados através de esquemas textuais específicos. As pessoas que estão expostas a esses tipos de textos, processam-no e o armazenam na memória de longo prazo, especificamente, no sistema interacional. As pesquisas realizadas por Van Dijk e Kintsch provaram que o conhecimento do esquema textual, a superestrutura do texto, auxilia o processador da informação a construir as macroproposições, pois, para cada categoria textual, é necessário se construir uma macroproposição.

A SUPERESTRUTURA ARGUMENTATIVA

Van Dijk (1978) formulou e apresentou as superestruturas textuais, especificamente, a superestrutura argumentativa, considerando que este esquema textual se formaliza nos mais diferentes tipos de textos, à medida que não existe texto ingênuo, ele considera que todos os textos são mais ou menos argumentativos.

A crônica é caracterizada como um texto argumentativo-opinativo; assim, tem-se como ponto de partida a superestrutura proposta por Van Dijk:



Como se pode observar, este esquema textual, como qualquer outra superestrutura, é hierárquico e as suas categorias textuais mais altas são a Justificativa e a Conclusão. A Conclusão é considerada um julgamento de valor que é a opinião, podendo ou não estar sendo justificada, explicitamente, no texto. Desde que justificada a construção da opinião se utiliza de estratégias recorrentes, tais como recorrer ao Marco das Cognições Sociais como argumento de reforço ou de legitimidade para nortear a Circunstância criada.

Segundo Silveira (2000), Marco de Cognição Social é um conjunto de conhecimentos que estabelecem parâmetros avaliativos para os seres e suas ações no mundo, de forma a guiar desejos e decisões dos membros de cada grupo social. Tal Marco é constituído em razão da interação no grupo social, ou seja, aquilo que esta contemporaneamente sendo vivenciado ou modificado pela experiência do já vivido e determina os papéis a serem representados no grupo, sendo esses reconhecidos no grupo e pelo grupo.

A Circunstância é o que se esta apresentando para ser avaliado e como forma de comparação, argumentação ela possui pontos de intersecção com o Marco das Cognições Sociais.

Para Van Dijk (1997), os conhecimentos avaliativos são opiniões; a opinião é construída a partir do Marco de Cognições Sociais porque resulta do ponto de vista pelo qual se focaliza o mundo; quando são públicos, constituem a doxa (opinião pública). Para que ocorra avaliação de alguém ou alguma coisa, faz-se necessário partir de um conhecimento prévio do objeto que se quer avaliar, ou seja, avalia-se por meio de inferências determinadas pelo ponto de vista.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)

O termo ACD vem sendo utilizado para se referir à abordagem da linguística crítica, uma abordagem discursiva com visão crítica para verificar os textos e eventos construídos por diferentes práticas discursivas sociais, oferecendo um método descritivo, analítico que subsidia a interpretação e explicação da linguagem em um contexto sócio-histórico, oferecendo uma contribuição para um debate das questões relacionadas à desigualdade do poder e às estratégias para sua manutenção.

Van Dijk (1997) postulou a Análise Crítica do Discurso a partir de três categorias analíticas, a saber: Sociedade, Cognição e Discurso. Para o autor, há uma inter-relação entre

essas categorias, na medida em que uma se define pela outra. A Sociedade é compreendida como um conjunto de grupos sociais; um grupo social é entendido como a reunião de pessoas com os mesmos objetivos, interesses e propósitos. A Cognição é o conjunto de representações mentais, que são formas de conhecimento, cada representação mental é formulada pela projeção de um ponto de vista para se observar o que ocorre no mundo. O ponto de vista é guiado pelos objetivos, interesses e propósitos comuns ao grupo, se constituindo Marco das Cognições Sociais, o qual se difere de um grupo para outro, já que os pontos de vista são diversificados, na dimensão cognitiva é onde todo o conhecimento está armazenado e conhecido/ entendido como crença e para Van Dijk (2003) toda opinião é uma forma de avaliação sobre o mundo, por serem representações do real, essas formas de conhecimentos são construídas no e pelo discurso.

A inter-relação das vertentes linguísticas possibilitou constatar que o discurso jornalístico é construído seguindo estratégias argumentativas, conforme a superestrutura postulada por Van Dijk, tal discurso objetiva-se a construção da opinião do leitor, recorrendo a um conjunto de estratégias retóricas, enunciativas e genéricas como mecanismos de aproximação, interesse e consolidação no mercado, para atingir seu intuito o discurso construído no jornal procura aproximar o seu discurso da ideologia dos diversos grupos sociais da sociedade. Em busca dessa aproximação do mercado, os jornais proporcionaram e continuam proporcionando reformulações em seu projeto editorial, reformulando ou criando novos gêneros.

As diversas transformações do veículo jornal levaram a tipificação de alguns gêneros jornalísticos, dentre elas encontramos os textos crônicas jornalísticas, textos/discursos estabelecidos e reconhecidos genuinamente brasileiros, contudo não houve até o momento estudo que demonstrasse a sua organização textual e sua característica genérica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já fora estudado, a crônica se encontra entre os textos produzidos para o e no jornal, ou seja, surge em um espaço heterogêneo onde convive o pequeno ensaio, o conto, o poema em prosa que levam a uma nova focalização sobre os fatos do mundo. Esta mescla genérica possibilita ao cronista tratar de diversos assuntos, com um tom de efemeridade. A atualidade temática leva a produção de dois tipos de textos, a saber: Crônica de notícia e

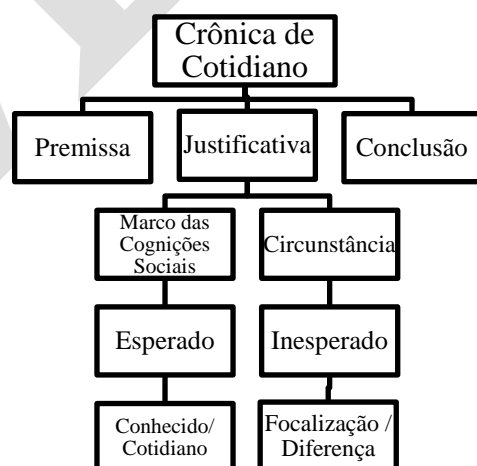
Crônica do cotidiano que são caracterizadas pelas categorias Inusitado/Atualidade e Usual/Frequência, respectivamente.

A Crônica de Cotidiano trata de assuntos vivenciados e experienciados socialmente na vida cotidiana das pessoas, isto é, daquelas ações usuais que se definem por eventos diários, acontecimentos frequentativos que ocorrem com as pessoas. Ela se organiza pelas categorias hierárquicas Usual/Frequência, o que implica em uma sequência de ações usuais, definidas como acontecimentos diários, vividos e experienciados socialmente. Dessa forma, o cronista apresenta sua seleção temática de uma representação do habitual, do comum, do usual que também compõe o marco das cognições sociais.

As crônicas do cotidiano podem ser definidas por uma Circunstância construída em relação às Cognições Sociais (SILVEIRA, 2000). O termo cotidiano é definido pela categoria aspectiva Iterativa, ou seja, eventos e ações repetidos diariamente na Atualidade. Do aspecto Iterativo decorre a categoria semântica Usual ou Esperado para situar o momento histórico-social. Assim a crônica do cotidiano é organizada hierarquicamente pela categoria semântica Usual e pela categoria aspectiva Iterativa, ou seja, o cronista organiza seu texto por meio de ações que se sucedem no eixo narrativo, estas ações elencadas são fruto da seleção temática de uma representação do cotidiano que compõe o Marco das Cognições Sociais.

O cronista conhece o que ocorre, socialmente, no cotidiano e, por isso, é capaz de selecionar dele um fato. Dessa forma, essa seleção ocorre no que é Usual. Esta categoria agrupa outras três categorias semânticas: o Esperado, o Conhecido e o Iterativo.

Os resultados das análises realizadas nas crônicas de cotidiano propiciam propor o seguinte esquema textual para as crônicas do cotidiano.



A crônica do cotidiano é hierarquicamente organizada pela estrutura argumentativa: Premissa, Justificativa e Conclusão. A categoria Justificativa agrupa as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstância. A categoria Circunstância reúne os pontos de partida que irão legitimar e reforçar os argumentos da opinião do cronista. A conclusão apresenta o ponto de vista, uma nova forma de se observar o mundo segundo o olhar do autor.

O cronista do cotidiano, embora trate do Usual, com aspecto Iterativo vivenciado e experienciado, representado pelo discurso para os interlocutores, necessita construir uma circunstância para construir seu ponto de vista. Dessa forma, o fato construído por ele, por meio de sua focalização, difere das Cognições Sociais dos grupos, embora tenha com elas uma zona de similitude textual. É a partir desse antagonismo que o cronista constrói uma premissa sobre a qual apresentará uma opinião como forma de julgamento avaliativo. A fim de justificar a sua conclusão e legitimá-la, o autor recorre ao Marco das Cognições Sociais como forma de selecionar os argumentos de reforço da sua opinião. O cronista do cotidiano seleciona no Marco das Cognições Sociais uma determinada representação mental de um fato esperado, do dia a dia, este fato passa a ser reconstruído por ele, uma vez que cria um novo modo de ver a situação, e se torna objeto de sua opinião.

A comparação efetuada pelo cronista da representação mental selecionada e a reconstrução sob sua focalização é uma figura intertextual, que estabelecem zonas de similitude entre as Cognições Sociais e do fato estabelecido pelo cronista, criando uma opinião como forma de julgamento avaliativo.

A Crônica de notícia trata de assuntos publicados no jornal, especificamente, o cronista seleciona uma notícia publicada anteriormente, como ponto de partida para as suas reflexões e avaliações, criando uma Circunstância a qual será ponto de partida para sua avaliação. Ele organiza os fatos em uma estrutura narrativo-argumentativa, a qual se produz uma focalização e justifica a sua opinião, para isso ele recorre ao Marco de Cognições Sociais para construir argumentos de reforço e legitimidade.

As crônicas de notícias são definidas por uma Circunstância construída em relação às Cognições Sociais, uma vez que o fato já noticiado faz parte do Marco de Cognições Sociais, criando um paradoxo à opinião comum, mote na construção argumentativa-opinativa do cronista. Trata-se, portanto, de inserir, através da estrutura A, uma ancoragem aceita por todos (Marco Cognições Sociais), e uma estrutura B (Circunstância), com uma proposição antagônica ao modo comum de se julgar algo, estrutura A.

O cronista se utiliza dessa estratégia argumentativa para a construção de um eixo condutor/comparativo entre a Focalização do jornalista X Focalização do cronista, ou seja, o cronista leva o leitor a um distanciamento entre eles, através da dissimilitude criada entre saber social do leitor e a focalização do cronista, conduzindo o leitor à um novo modo de focalizar aquele saber, ou seja, cria um mundo possível uma, outra possibilidade para o fato, o qual era inesperado pelo leitor. Dessa forma, o cronista leva o leitor a aderir ao “novo”, a sua opinião, por meio de sua argumentação.

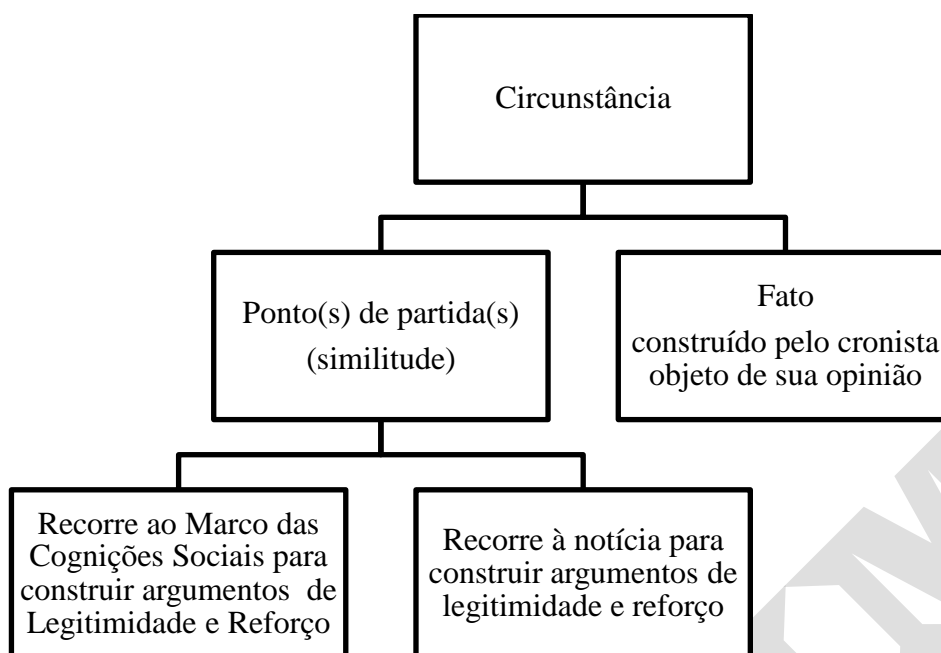
O cronista conhece o que ocorre, socialmente, no dia a dia no mundo e que foi transformado em notícia. Dessa forma, seleciona entre as notícias uma para construir a sua crônica, se utilizando das categorias o Inusitado, o Inesperado, o Desconhecido e o Atual. O que leva a crônica de notícia ter em sua organização textual um esquema, cujas categorias mais altas são as da estrutura argumentativa (Premissa, Justificativa, Conclusão). Seus conteúdos são guiados, seletivamente, pelas categorias semânticas Atual/Inesperado e Esperado/Frequente, que propiciam à seleção do fato noticioso e ele recorre ao Marco das Cognições Sociais como forma de justificativa na produção daquele texto, além de encaminhar para sua opinião, a recorrência ao Marco é uma estratégia para se obter argumentos de probabilidade e de reforço.

Entende-se que a opinião contida na crônica de notícia é formada pelos parâmetros avaliativos do autor diante do Marco das Cognições Sociais e de uma notícia já publicada. Esse processo resulta na ação de recorrer às Cognições Sociais do grupo de leitores estabelecendo, intertextualmente, similitude com os comentários da notícia publicada.

A crônica de notícia se organiza, hierarquicamente, pela categoria semântica *Conhecido/Esperado* e pela categoria temporal *Atualidade*, visto que o cronista seleciona uma notícia anteriormente para a construção de seu texto; através de *Circunstância* criada, pela sua focalização, estrutura-se o texto argumentativamente ao recorrer às *Cognições Sociais*, como argumentos de reforço e legitimidade.

A organização textual da crônica de notícia compreende a construção de um *Fato* pelo cronista que passa a ser objeto de sua opinião. Para tanto, ele recorre às Cognições Sociais: o social guia o individual. Como o Fato é construído por ele, o individual modifica o social. Dessa forma, os argumentos construídos para legitimar e reforçar, a sua opinião a respeito do fato representado no texto são construídos com as Cognições Sociais.

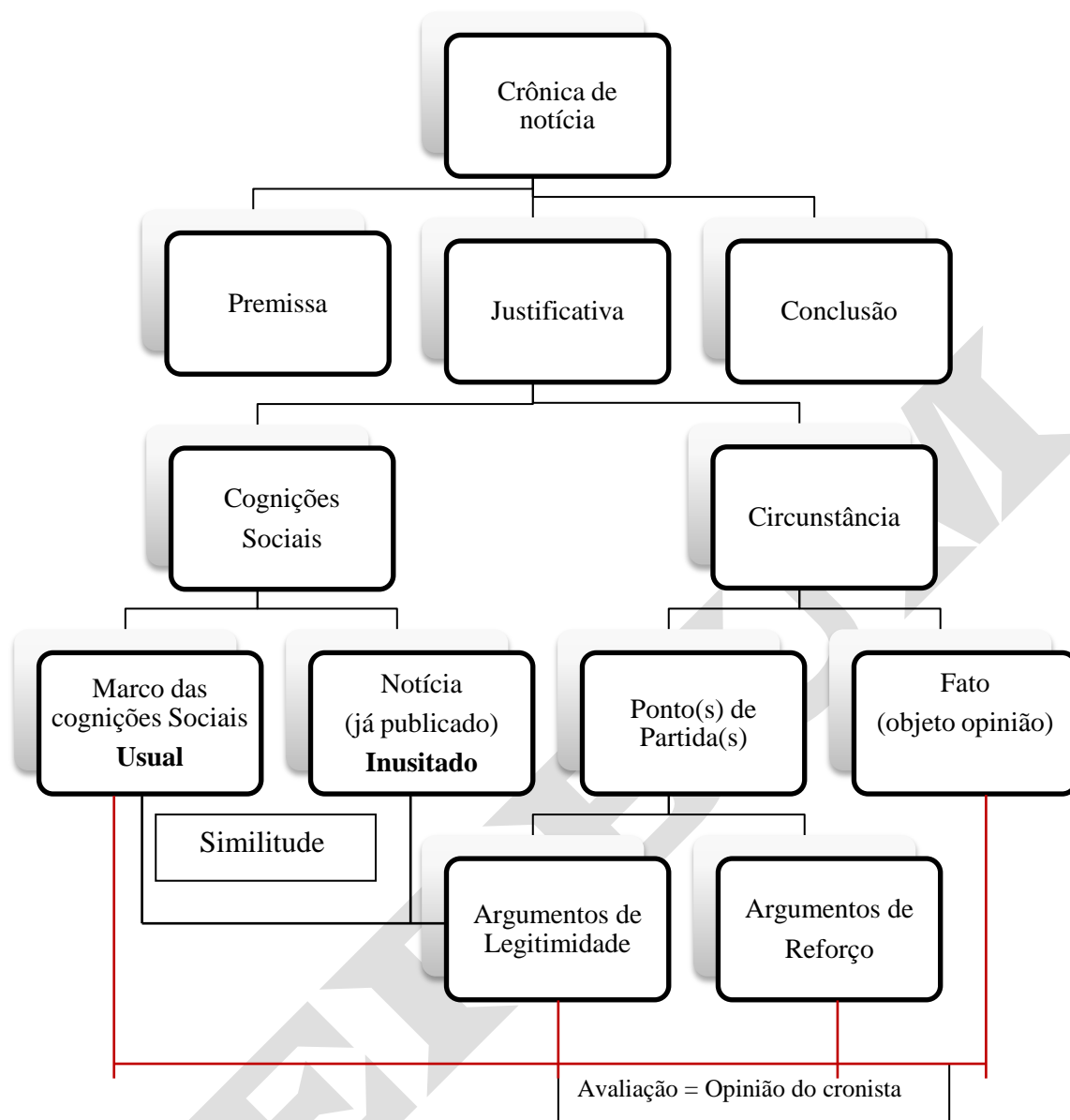
É possível verificar o esquema textual da Circunstância, por meio da seguinte visualização:



As análises demonstram que o esquema textual da notícia está encaixado na superestrutura argumentativa, na categoria Justificativa. Esta categoria agrupa categorias Cognições Sociais e Circunstância. Os resultados demonstram, também, que o fato noticiado já participa das Cognições Sociais (pois a notícia foi publicada anteriormente) e do Marco das Cognições Sociais (o vivido e experienciado em sociedade pelo grupo de leitores). O cronista estabelece uma zona de similitude entre o fato noticiado e o Marco das Cognições Sociais. É a partir dessa similitude que ele constrói um novo fato que passa a ser objeto de sua opinião; esse novo fato está agrupado na categoria Circunstância da estrutura argumentativa tratada.

Dessa maneira, podemos afirmar que a crônica de notícia se organiza, hierarquicamente, pela categoria semântica Conhecido/Esperado e pela categoria temporal Atualidade, visto que o cronista seleciona uma notícia já publicada anteriormente para a construção de seu texto opinativo.

Dessa forma, é possível de se propor o seguinte esquema textual:



O trabalho buscou contribuir com os estudos das crônicas brasileiras publicadas em jornal, apresentando de dois esquemas textuais, desde suas categorias textuais mais hierárquicas até as mais inferiores. Foram confrontadas, por análise, as *Crônicas do cotidiano* com as *Crônicas de notícia*, a partir dos esquemas textuais propostos por Scafuro (1999), os resultados obtidos indicaram que os textos denominados crônicas e publicados no espaço coluna pelos estudiosos da comunicação social na realidade são crônicas jornalísticas tipificadas, as quais são da classe opinativa que progridem semanticamente por argumentos de legitimidade e reforço.

Tanto a *crônica de notícia* quanto a *crônica do cotidiano* partem do conhecido, estabelecido no Marco das Cognições Sociais para criar a Circunstância, um ponto de partida, para, em seguida, apresentar um paradoxo sobre o qual irá progredir semanticamente por

argumentos de reforço e de legitimidade conduzindo o leitor a um novo modo de focalizar aquele saber, cria outra possibilidade para o fato o que leva a um ponto vista inesperado pelo leitor. Através dessa estratégia, o cronista leva o leitor a aderir ao “novo”, isto é, sua focalização sobre algo; bem como a sua opinião e da empresa jornal, por meio de sua argumentação que incorpora valores positivos e negativos, tais valores são guiados pelos participantes do poder.

O trabalho realizado não põe fim às discussões sobre o gênero crônica, uma vez que os gêneros textuais são históricos, estamos nos defrontando com uma modificação histórica do gênero.

REFERÊNCIAS

BUARQUE DE HOLANDA. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

BELTRÃO, L. *Jornalismo interpretativo*. 21^a ed. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1980.

BENDER, F. e LAURITO, I. *Crônica: História, Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

COUTINHO, A. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, A.; E. F. COUTINHO (orgs.). *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 1997. vol. 6.

GABRIEL JUNIOR, M. *A organização textual da crônica de notícia*. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado). PUC.

ISENBERG, H. Cuestiones fundamentales de tipologia textual. In: *Linguística del texto*. Madrid: Arco/Libros S.A., 1987.

MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003. (impressão 1994).

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

SCAFURO, G. *A organização textual de crônicas publicadas em jornal*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1999. 151f.

SCAFURO, G. Opinião, marco de cognições sociais e a identidade cultural do brasileiro: as crônicas nacionais. In: JÚDICE N. *Português língua estrangeira: leitura, produção e avaliações de textos*. Niterói: Intertexto, 2000. pp. 09-35.

VAN DIJK, T. A. *La ciencia del texto*. Barcelona: ediciones Paidós Iberica, 1978.

VAN DIJK, T. A. *Racismo y analisis critico de los medios*. Barcelona, Paidós, 1997.

VAN DIJK, T. A. *Studies in the pramatic of discourse*. The Hague: Mouton, 1981.

VAN DIJK, T. A. e KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

ABSTRACT

This article aims to verify text organization chronicles published in newspapers in São Paulo in order to contribute to the study of texts called chronic and placeholder columns published in newspapers in São Paulo, since these texts are inserted and used in textbooks. However, there is no clear distinction as to their organization or their textual genericidade, which leads to different interpretations with regard to their type and their conceptualization complicating its interpretation, comprehension and production. The analyzes are based on Textual Linguistics and Critical Discourse Analysis with socio-cognitive aspects. This study sought to identify the characteristics of recurring concepts postulated on the *chronic* and from them describe the layout of chronic textual and textual categories, as well as collating rules and seek understanding of the strategies in the construction of textual opinion. The results point to a renewal in the way we produce in contemporary chronicles, indicating that there are two types of chronic, namely everyday life chronic and news daily chronic, both class of argumentative text-opinionated.

Key words: Textual Linguistics. Critical Discourse Analysis. Journalistic chronicle. News chronicles and chronicles of everyday life.

Envio: Abril/2013

Aprovado para publicação: Abril/2013